

## Antes dos dinossauros

Penso em mim como um ser extinto. Não são os avanços tecnológicos que me afligem e fazem experimentar sentimento de obsolescência: são os recuos civilizacionais

*José Eduardo Agualusa, 14/12/2024*

Link: <https://oglobo.globo.com/cultura/jose-eduardo-agualusa/coluna/2024/12/antes-dos-dinossauros.ghtml>



Biblioteca — Foto: Domingos Peixoto

Lia um bom romance, estendido no meu sofá preferido, na sala, quando escutei as filhas conversando, alheias à minha presença (um livro é uma espécie de manto da invisibilidade). Kianda, de 6 anos, duvidava de algo que a irmã, Vera Regina, de 20, havia lhe contado:

— Isso deve ter sido no tempo dos dinossauros — comentou Kianda. — Lá, nos anos 80...

Vera riu-se:

— Para tua informação, o pai nasceu nos anos 60...

A pequenina não escondeu o espanto:

— A sério? Nos anos 60?! Uau! Então ele nasceu antes dos dinossauros!

Kianda está certa. Tem dias em que me sinto anterior aos dinossauros. Mais do que arcaico, penso em mim como um ser extinto. Extintíssimo. Paradoxalmente, não são os avanços tecnológicos que me afligem e me fazem experimentar um pavoroso sentimento de obsolescência — são os recuos civilizacionais.

A minha mãe, que fará 101 anos em abril, aprendeu sozinha a lidar com computadores, celulares, redes sociais e outros instrumentos que, quando nasceu, nem sequer existiam nos mais ousados romances de ficção científica. Como ela, sempre acolhi sem susto, e sem particular esforço, os avanços tecnológicos que nos facilitam a vida. Não sofro com saudade das máquinas de escrever, das cabines telefônicas, ou da fotografia analógica, embora tenha passado bons momentos a revelar filmes.

Lá, nos anos 1980, ou seja, no tempo dos dinossauros, comecei a trabalhar para um jornal português, o Público, um dos primeiros em toda a Europa a informatizar a redação. Um dos meus colegas era um jornalista da velha guarda, que sentia saudades do matraquear das velhas máquinas de escrever. Para o alegrar, os informáticos instalaram no computador dele um programa que reproduzia aquele denso festival sonoro, incluindo a campainha no final de cada frase. Nascia assim a figura do dinossauro pós-moderno.

Sinto-me impreparado para enfrentar o futuro porque não compreendo o crescimento dos movimentos totalitários, a revalorização do egoísmo, a atual cultura de desprezo pelos direitos humanos, pelo ambiente e pela justiça social. Tenho medo de viver num tempo no qual o progresso tecnológico, não acompanhado por um correspondente avanço ético e moral — muito pelo contrário —, me parece ter potencial para gerar os piores desastres. Uma coisa é um bárbaro com uma espada na mão; outra coisa é um bárbaro com acesso a um arsenal nuclear.

Se sinto alguma saudade do tempo dos dinossauros é porque nessa época ainda existiam lugares de refúgio. Caso me escondesse numa ilha remota, no Atol Palmerston, no Pacífico, ou na Ilha de Moçambique, no Índico, poderia aspirar a uma vida longe dos grandes perigos. Hoje, não existe no nosso planeta um único lugar a salvo das nefastas consequências da insensatez humana.

Volto a mergulhar no romance que estou lendo. Os livros são os refúgios que nos restam. Podem não conseguir proteger-nos contra as balas, ou contra a indignação da natureza, mas eventualmente salvam-nos da mediocridade, do tédio e do rancor das redes sociais.